

“A MORTE DE IVAN ILITCH” E O QUE VERDADEIRAMENTE IMPORTA NA VIDA

Aldemario Araujo Castro

Advogado

Mestre em Direito

Procurador da Fazenda Nacional

Brasília, 5 de maio de 2024

Na semana que terminou no último sábado (as semanas começam no domingo, segundo a NBR 5892:2019), concluí a leitura do livro “A morte de Ivan Ilitch”. Trata-se de um livro curto (não alcança cem páginas) produzido por um dos maiores escritores de todos os tempos: o russo Liev Tolstói.

O livro que li é uma obra pouco conhecida de Tolstói. Não rivaliza, nem de longe, com os romances “Guerra e Paz” e “Anna Karenina”, amplamente reconhecidos nos quatro cantos do mundo.

Não são poucos os críticos que consideram “A morte de Ivan Ilitch” como a obra-prima de Tolstói. A razão para tal conclusão decorre das profundas e instigantes temáticas abordadas no livro: a forma de lidar com a morte e a busca do significado da vida.

O personagem principal, o juiz Ivan Ilitch, acredita firmemente ser um homem especial. Passou boa parte da vida empenhado em conseguir ascensão profissional, status financeiro, poder e reconhecimento das altas esferas da sociedade.

“Ele sempre fora muito, muito especial em relação a todas as outras criaturas; ...”

“O importante é que Ivan Ilitch tinha um serviço. Para ele, todo o interesse da vida fora concentrado no mundo do trabalho. E esse interesse o engoliu. A consciência de seu poder, a possibilidade de destruir todo homem a quem ele quisesse destruir, a importância, mesmo exterior, de quando ele entrava no tribunal e em reuniões com os superiores e subordinados, e, o mais importante, seu manejo magistral dos casos, tudo isso o alegrava e, junto com as conversas com os companheiros, as refeições e o uíste, preenchia a sua vida”

“O prazer profissional estava ligado aos prazeres do orgulho o prazer social, aos prazeres da vaidade; ...”

“E aquela vida monótona, e aquelas preocupações com dinheiro, e assim um ano, dois, dez, vinte, todos iguais. E quanto mais vida, mais monótona. ‘Eu ia exatamente montanha abaixo, imaginando que estivesse escalando a montanha. E assim foi. Na opinião pública, eu estava escalando a montanha, e era exatamente assim que a vida escapava sob os meus pés ... E agora está pronto, morra!’ ”

“Ivan Ilitch sentia que todas as pessoas mais importantes e cheias de si, sem exceção, estavam em suas mãos ... mas a consciência desse poder e a possibilidade de suavizá-lo representavam para ele o principal interesse e atrativo de seu novo encargo”.

“... desde a mais tenra idade, como uma mosca voa para a luz, fora atraído para as pessoas da alta sociedade, assimilando os seus exemplos, seus olhares em relação à vida e, com elas, estabelecendo laços de amizade”

“Ele se casaria por ambos os motivos: a escolha da esposa tinha sido pelo próprio bem, e, com isso, faria aquilo que as pessoas do mais alto escalão consideravam correto”

No ápice de sua carreira de importante integrante do sistema judiciário da Rússia czarista, um acidente banal se transformou em um calvário que só teve fim com a morte. Os médicos (foram muitos) não conseguiram identificar a doença e, muito menos, aliviar o sofrimento do ilustre paciente, acometido por dores terríveis e crescentes.

“Quer fosse de manhã, quer fosse de tarde, sexta-feira ou domingo, era tudo igual, sempre a mesma coisa: a dor excruciante e terrível não cessava nem por um momento; a mesma consciência de que sua vida se esvaía sem esperanças, mas ainda não completamente; a mesma iminente e odiosa morte, que era uma realidade, e a mesma mentira. Que diferença faziam semanas, dias, horas?”

Tolstói mata Ivan Ilitch. A morte do personagem se apresentava como um imperativo da narrativa imaginada por esse grande escritor. Ao por fim à existência (física) de Ivan, Tolstói faz um contundente convite ao seu leitor. Matar o juiz é a forma encontrada pelo autor para indagar: quais são os seus valores? O que verdadeiramente importa na sua vida?

Quando chegar a sua hora de partir desse mundo você vai olhar pra trás com um “gosto” de satisfação ou de frustração?

“Veio-lhe à cabeça que aquilo que antes lhe parecia impossível, isto é, que ele não vivera a vida como deveria, poderia ser verdade. Veio-lhe à cabeça que aqueles quase imperceptíveis ímpetos de luta contra aquilo que as pessoas das altas classes sociais consideravam bom, os ímpetos quase imperceptíveis que ele imediatamente afugentava de si, podiam ser verdadeiros, e todo o restante podia ser incorreto. Tanto seu serviço quanto a organização de sua vida, a família, aqueles interesses da sociedade e do serviço, tudo aquilo podia ser incorreto. Ele tentou proteger tudo aquilo diante de si. E, de repente, sentiu toda a fraqueza daquilo que ele protegia. E não havia nada a defender”.

“- Sim, tudo estava incorreto – disse ele -, mas isso não é nada. Você pode, você poder fazer ‘o certo’. O que é ‘o certo’? - perguntou a si mesmo e, de repente, ficou em silêncio”.

Existe uma mensagem mais profunda no romance do russo Liev. Ele diz, quase grita, para o seu leitor: Ivan se foi, mas você ainda vive para dar o melhor significado possível à sua existência. O livro, em suma, é um engenhoso convite à manutenção da rota ou a uma providencial correção de rumos.

O lento e doloroso processo de deterioração das condições de saúde de Ivan Ilitch escancara a futilidade de suas realizações ao longo da vida e a superficialidade de suas relações pessoais. O tormento espiritual toma conta de Ivan. A angústia da busca desesperada por um sentido para a vida e para o sofrimento dos últimos dias é retratada com a maestria própria de Tolstói. O peso da finitude da condição humana neste plano terreno e o questionamento universal sobre a natureza e o conteúdo da felicidade emergem em cada parágrafo, em cada página da narrativa.

“Tudo a mesma coisa. Ora brilhava uma centelha de esperança, ora tempestuava um mar de desespero; tudo era dor e angústia, tudo igual. Ficar sozinho era terrível e triste, dava vontade de chamar alguém, mas ele sabia que na frente dos outros seria ainda pior. ‘Talvez mais morfina, para esquecer. Eu direi ao médico que invente algo mais. É impossível, não é possível assim’ ”.

“Tirou as pernas, colocou-as de lado e começou a sentir pena de si mesmo. Esperou apenas que Guerássim fosse para o cômodo ao lado e, não se segurando mais, chorou como uma criança. Ele chorava o seu desamparo, a sua terrível solidão, a crueldade das pessoas, a crueldade e a ausência de Deus”.

“Quando começou a lembrar aquilo que fizera dele o que era naquele momento, tudo que antes lhe parecia felicidade, agora se esvaía diante de seus olhos e se transformava em algo insignificante e, muitas vezes, repugnante”.

A leitura da obra confirmou, de uma forma singular, uma conclusão a que cheguei tempos atrás. O que verdadeiramente importa na vida é justamente o que pode ser levado depois que ela termina.

Não se leva dessa vida nenhum bem material. Também não é possível levar status social ou profissional. Os reconhecimentos sociais de vários tipos ficam todos para trás (títulos, medalhas, prêmios, etc). Em suma, não se leva da vida pompa ou circunstância.

Afinal, o que se leva dessa vida depois de seu inexorável fim?

O que sobrevive, no espírito imortal e indestrutível, após a morte do corpo físico é o aprendizado experimentado. A vida funciona como uma grande escola de lições intelectuais e morais. A segunda perspectiva ostenta uma clara proeminência no processo de evolução rumo à perfeição espiritual.

Esse avanço moral significa o cultivo contínuo de uma série de virtudes e a permanente redução do espaço reservado a um conjunto de vícios. Entre as virtudes se destacam: a) cultivar o amor, especialmente ao próximo; b) desejo sincero de melhoria; c) solidariedade; d) respeito; e) gentileza; f) compreensão, g) perdão; h) humildade e i) responsabilidade. No campo dos vícios, devem ser indicados pelo potencial deletério em si e na geração de outras negatividades: a) o egoísmo; b) o orgulho e c) a vaidade.

O orgulho e o egoísmo são apontados como os maiores obstáculos ao progresso moral na resposta à questão 785 de “O Livro dos

Espíritos”. Sob certo aspecto, o só desejar para si e para sua satisfação pessoal, do egoísmo, é a base de praticamente todos os vícios. Na resposta ao questionamento 913, também do “Livro dos Espíritos”, consta: “... dele deriva todo o mal. Estudem todos os vícios e verão que no fundo de todos existe egoísmo. (...) Que todos os seus esforços tendam, portanto, para esse objetivo, porque aí está a verdadeira chaga da sociedade. Quem nesta vida quiser se aproximar da perfeição moral deve extirpar de seu coração todo sentimento de egoísmo, porque é incompatível com a justiça, o amor e a caridade. Ele neutraliza todas as outras qualidades.”

Allan Kardec, com propriedade, afirmou que essas “... são paixões que nos aproximam da natureza animal e nos prendem à matéria; que o homem que, desde este mundo, se desprende da matéria pelo desinteresse das futilidades mundanas e pelo amor ao próximo, aproxima-se da natureza espiritual” (fonte: O Livro dos Espíritos).

Tolstói deixa uma lição insuperável, posta por grandes nomes da humanidade de diversas maneiras. Na vida, é fundamental alinhar a bússola pessoal com os valores e virtudes mais construtivos existentes no convívio humano. O tesouro incalculável resultante dessa postura de vida não tem dimensão tangível. Trata-se de um sentimento de difícil descrição. Ele pode ser expresso, por aproximação, na forma de serenidade, paz de espírito, equilíbrio emocional e mansidão (não um conformismo derrotista, mas aquela de que fala Jesus no sermão da montanha).